

Arte na parede: Atravessamentos da prática artística e o ensino



Janaina Schwambach (IFSul)

Doutora em Artes Visuais na linha de Ensino da Arte pela Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC, mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural/UFPEL, com bolsa sanduíche realizada na *Universidad de Buenos Aires*, Argentina. Possui graduação em Licenciatura Plena em Artes - Habilitação em Desenho e Computação Gráfica pela Universidade Federal de Pelotas. É docente DE no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - Câmpus Lajeado.

Rafael Schultz Myczkowski (IFPR)

Artista Visual, atualmente é professor efetivo do Instituto Federal do Paraná, Campus Palmas. Doutor e mestre em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UEDESC. Realizou em 2017 o Doutorado-Sanduíche no Instituto Politécnico de Leiria (IPL), em Portugal, com bolsa CAPES (PDSE). Graduiu-se nos cursos Bacharelado em Pintura e Licenciatura em Desenho pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP). Especialista em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (EMBAP).

William Junior Sperb (IFSul)

Atualmente é auxiliar de biblioteca do Instituto Federal Sul-rio-grandense - Câmpus Lajeado, investido na Coordenação da Manutenção Geral do Câmpus. Formado em Direito pela Universidade do Vale do Taquari (Univates). No instituto é participante de projetos vinculados as artes.

Arte na parede: Atravessamentos da prática artística e o ensino

Art on the wall: Crossings of artistic practice and teaching



RESUMO

O presente artigo, em forma de relato de experiência, apresenta o desenvolvimento do projeto denominado Arte na Parede, coordenado por dois professores e um servidor técnico do Instituto Federal Sul Rio-grandense, entre os anos de 2018 e 2020. O projeto relacionou a disciplina de Artes, ministrada ao ensino médio técnico integrado, com práticas coletivas de pinturas murais, mobilizando professores, técnicos e estudantes. Buscou-se uma maior inserção da área no cotidiano da instituição, reivindicando espaços e o senso de pertencimento e identidade da comunidade escolar. Percebeu-se que com a criação de cinco intervenções, os espaços passaram a ser lugares de pertencimento e resistência.

PALAVRAS-CHAVE

Arte. Ensino. Arte mural. *Graffiti*.

ABSTRACT

This article presented was an experience reported designed to develop the project “Art on the wall” (Arte na Parede). The project coordinated by two professors and an administrative technician from Instituto Federal Sul Rio-grandense (IFSul) has happened between 2018 and 2020. The project involved the art discipline and the secondary students in an integrated regime, using collective mural painting involving the professors, technicians and students. The project aimed to transform quotidian areas into new spaces. The results have brought the scholar community a sense of belonging and identity. It was observed that the creation of five interventions, spaces became places of belonging and resistance.

KEYWORDS

Art. Teaching. Mural art. Graffiti.

Introdução

A arte vem há muito tempo conquistando novos territórios no espaço escolar. Com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/1996)¹, a disciplina de Arte torna-se obrigatória no ensino básico sendo que, mesmo com este ganho, passa por enfrentamentos e lutas diárias para se colocar como área do conhecimento, afirmando sua importância entre outras disciplinas historicamente tradicionais, a exemplo de português e matemática. Porém, esses espaços físicos e fluídos mudam constantemente e são objetos de disputa, situação esta recentemente percebida a partir da construção da Base Nacional Comum Curricular/BNCC/2018², ao qual o ensino da arte passa a não ser obrigatório no ensino básico, como também, acaba diluído na grande área das *linguagens*, perdendo suas especificidades, seu lugar e conteúdos próprios. Em função dessas novas resoluções, torna-se necessário que a arte continue a mostrar sua potência e importância na formação de cidadãos críticos, humanos, conscientes e sensíveis.

¹ Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1996/lei-9394-20-dezembro-1996-362578-publicacaooriginal-1-pl.html>, acesso junho/2021.

² Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/55640296, acesso junho/2021.

Até o presente momento, a maioria dos Institutos Federais mantém o ensino da arte como disciplina pertencente ao currículo. Na instituição onde ocorreu a proposta, somente duas horas-aula são destinadas ao ensino da arte durante os quatro anos do Ensino Médio

Técnico Integrado, além de uma disciplina optativa. Deste modo, em meio à inquietação e a necessidade de conquistar outros espaços, é que este trabalho se insere. Espaços esses compostos pelo campo político educacional, assim como pela arquitetura escolar. Problematicar o espaço-escola, segundo Agustín Escolano, é perceber que este:

[...] não é apenas um “continente” em que se acha a educação institucional, isto é, um cenário planejado a partir de pressupostos exclusivamente formais no qual se situam os atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para executar um repertório de ações. A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores [...]. (2001, p. 26).

Pensar contra a configuração aparentemente neutra do espaço escolar, seria compreender que este expressa relações culturais, determinados discursos e pretende determinados comportamentos. Anne Cauquelin (2006), define o espaço pela sua utilização, “o espaço não preexiste ao uso que se faz dele; é, ao contrário, o uso que define o lugar como lugar, que tira o espaço de sua neutralidade ‘natural’ para artificializá-lo, ou seja, habitá-lo” (p. 142). Dessa forma, interferir sobre essa arquitetura é propriamente uma reivindicação, portanto

o projeto *Arte na Parede* buscou reclamar estes espaços, impregnando a superfície das paredes junto daqueles que animam o ambiente escolar. Coordenado por dois professores e um servidor técnico do Instituto Federal Sul Rio-grandense, entre os anos de 2018 e 2020, mobilizou professores, técnicos e estudantes a criar e intervir no campus através da prática artística.

Percebendo um determinado padrão de cores e projetos arquitetônicos de muitos campi do IFSul - comumente edifícios horizontalizados e geométricos, divididos em blocos e pintados predominantemente na cor creme - buscou-se intervir nas superfícies, modificando sua aparente neutralidade. Balizados pelas possibilidades institucionais e pela disponibilidade de materiais, foram propostas cinco produções durante a vigência do projeto. Contando com a participação dos estudantes do Ensino Médio Técnico Integrado, primeiramente, realizaram-se intervenções artísticas nas paredes internas da instituição. Nesta etapa do projeto, desenvolveu-se três trabalhos, sendo que dois deles vincularam-se às manifestações culturais brasileiras. Em um segundo momento, buscou-se interferir na área externa do campus, conquistando o espaço para aqueles que transitavam dentro e fora da instituição. Nesta etapa, foi realizado um trabalho em *graffiti* e *stencil*, tendo como estética um híbrido entre *Pixel art* e *Game art*. À medida

que o projeto foi ganhando corpo e reconhecimento, pode-se galgar outras áreas de maior visibilidade. Prova dessa conquista de território foi a última edição do projeto, intitulada 'Arte na parede: Edição *Graffiti*', onde ocorreram intervenções em um grande muro externo. Tal ação contou com apoio financeiro: via edital PROEX - IFSul, possibilitando a participação de um artista e o desdobramento da ação em um evento *on-line* voltado à comunidade externa. Assim, percebemos que apesar da baixa carga horária em sala de aula e com a demanda de apropriação dos espaços físicos, a arte poderia estabelecer atravessamentos no cotidiano do Instituto, intensificando a participação e senso de pertencimento.

Das paredes creme à cor

Era uma escola de paredes na cor creme, nos corredores pouco ensolarados, havia alguns cartazes informativos e painéis. Porém, esta escola que estava iniciando sua jornada, um Instituto Técnico Federal numa cidade do interior do Estado do Rio Grande do Sul, ocupava o seu novo prédio no ano de 2017 e que, ainda se encontra no plano de expansão e desenvolvimento. Dentre as atividades que competem aos professores, projetos de extensão e ensino ganham força e liberdade para serem realizados. Além disso, o Instituto possuía

disponível uma grande quantidade de tintas acrílicas para artesanato, *sprays*, entre outros materiais.

Enquanto professores de arte, as paredes “neutras” incomodavam, faltavam manifestações do tempo, cores, diversidade e representações imagéticas que apresentassem um pouco dos fazeres e saberes que eram desenvolvidos naquele lugar, percebia-se também a empolgação dos estudantes para realizarem projetos artísticos. E em resposta a esse desconforto, criou-se o projeto, *Arte na Parede*. O objetivo era transformar os espaços em lugares de afetividades e identificações, como também aproximar estudantes, servidores e a comunidade, provocando, estimulando e sensibilizando em relação à arte.

Assim, desenvolveu-se o projeto, que no seu primeiro ano de realização, em 2018, teve como tema norteador ‘Arte e cultura brasileira’, e como participantes os estudantes do primeiro ano do Ensino Médio Técnico Integrado em Automação Industrial³. Estes poderiam realizar desenhos e/ou pinturas sobre artistas ou temas que valorizassem a cultura nacional. O lugar escolhido para a execução do projeto foi o *hall* central, que possui quatro colunas e um teto com iluminação natural. Entre os desenhos inscritos pelos estudantes foram selecionados quatro, uma produção com referência à cultura indígena (Figura 1) e três à mulheres artistas que possuem uma trajetória na história da arte (Figura 2).

³ A partir do ano de 2019, o Instituto contava também com o Ensino Médio Técnico Integrado em Administração.



Figura 1. Proposta: Cultura Indígena, autoria dos estudantes, Projeto Arte na Parede, 2018. Foto do autor.



Figura 2. Propostas contempladas (artistas mulheres), autoria dos estudantes, Projeto Arte na Parede, 2018. Foto do autor.

Após a seleção dos trabalhos, todos os inscritos participaram do projeto, sendo quatro alunas e quatro alunos, na idade média de 15 a 16 anos.

O primeiro passo para a realização das pinturas foi passar o desenho para as colunas, e para isso,

utilizamos projetor multimídia, lápis e borracha. Em seguida, as pinturas começaram a ganhar forma. Percebeu-se uma participação ativa e descontraída nos momentos da prática, os estudantes trabalharam de maneira colaborativa e generosa, não havia pintura exclusiva, alternavam de acordo com a necessidade da produção, pois era preciso esperar a tinta secar. Enquanto um desenhava, outro pintava, e assim, a superfície foi ganhando cor. Em todos os dias em que o projeto ocorreu, ao final, acontecia também, um lanche coletivo. Esses momentos foram importantes para a socialização, e nessas trocas, o ensino da arte fez mais sentido, tanto para eles, quanto para nós professores. Ao final, o ambiente ganhou cor e mudou significativamente aquele espaço de passagem (Figura 3).



Figura 3. Murais finalizados, autoria dos estudantes, Projeto Arte na Parede, 2018. Foto do autor.

Em 2019, a solicitação dos estudantes para a continuação do projeto aumentou consideravelmente, e assim, conseguimos realizar outras duas edições. A primeira seguiu a mesma linha temática anterior e a

segunda, ocorreu no espaço externo, onde se produziu o retrato de uma das estudantes.

O projeto do primeiro semestre de 2019 teve quatorze participantes, desses, nove alunas e cinco alunos, na faixa etária de 15 a 17 anos. A produção ocorreu de maneira similar ao projeto anterior, porém neste, havia uma demanda especial: transformar a sala de convivência dos estudantes. Foram realizadas duas pinturas, um pouco mais complexas em termos técnicos e com tamanhos maiores. Ao lado da porta de entrada, o projeto inspirado num desenho de uma das estudantes, reunia diversos símbolos da cultura nacional e sinalizava o nome da Instituição. Na segunda pintura, optou-se por uma composição abstrata para facilitar a execução no pouco tempo que tínhamos para desenvolver o projeto. Seguem algumas imagens da produção (Figuras 4 e 5):



Figura 4. Produção dos murais, autoria dos estudantes, Projeto Arte na Parede, 2018. Foto do autor.



Figura 5. Murais finalizados, autoria dos estudantes, Projeto Arte na Parede, 2018. Foto do autor.

No segundo semestre de 2019, iniciamos as negociações com a direção e respectivos servidores responsáveis pelo patrimônio físico da instituição, buscando um espaço de intervenção na estrutura externa. Objetivamos conquistar um local de visibilidade não restrito àqueles que cotidianamente transitam no interior do campus, mas passível de apreciação por pessoas que venham a passar em frente a instituição ou moram nas proximidades. Após as tratativas, conseguimos a liberação de uma parede de 9 m² num local de bastante visibilidade na parte frontal do Instituto.

Esta etapa do projeto foi moldada por alguns fatores determinantes para a prática, sendo eles a disponibilidade de materiais e *sprays* que não são específicos para o *graffiti*; a vontade dos alunos em trabalhar com esta técnica ao ar livre e a inédita concessão do espaço destinado ao mural. O trabalho nos impunha algumas dificuldades, primeiramente, havia uma limitada gama de cores, característica própria dessa linha de produtos. Em segundo lugar, e mais determinante, tais *sprays* se diferenciam daqueles utilizados na prática do *graffiti* em concentração de pigmento, biqueiras diferenciadas e tempo de secagem, o que resultaria em inevitáveis escorrimentos, respingos e pouco controle no manuseio. Tendo em mente tais fatores, reunimos os participantes do projeto para dialogarmos sobre os recursos que

dispúnhamos e as possibilidades de criação com determinados materiais. Entre as soluções apresentadas, a mais apropriada seria o uso de máscaras ou moldes vazados, técnica conhecida como *stencil*. Isto, unido ao interesse dos estudantes em jogos digitais, conduziu a produção de um híbrido entre a *pixel art* e a *game art*⁴. A partir das imagens resgatadas de um trabalho de fotografia realizado interdisciplinarmente entre a disciplina de Arte e História, selecionamos as imagens que poderiam servir de modelo inicial para o trabalho. Escolhemos o retrato de uma estudante da Instituição.

Iniciaram-se testes no editor de imagem GIMP⁵, buscando em tutoriais técnicas e ferramentas que pudessem aproximar nossa imagem de referência ao que imaginávamos como estética final do trabalho. Para tanto, proporcionamos a imagem em relação ao local de aplicação e usamos o editor para simular o gráfico de um *Game Boy*⁶ antigo, dando-lhe uma aparência “pixelizada” e limitando a paleta a seis cores.

Logo após, partimos para a transposição do gráfico de pixels⁷ para a parede. Utilizamos um projetor multimídia, lápis e borracha. Inicialmente, quadriculamos a superfície, resultando numa média de 10.000 pequenos quadrados. Apesar da quantidade sugerir um trabalho excessivo, realizamos a atividade em aproximadamente duas horas. Em seguida, projetamos a imagem sobre a

⁴ Considerada uma estética específica, a *pixel art* - entre outras possibilidades - faz uso da estética digital retrô e do elemento pixel para a criação de trabalhos em diferentes suportes. A *game art* refere-se a estética de jogos digitais.

⁵ GIMP é um editor de imagem de código aberto e livre acesso.

⁶ O *Game Boy* é uma geração de consoles portáteis.

⁷ *Pixel* é a menor unidade de uma imagem digital.

parede, ajustando a angulação, e adequando à proporção dos “*pixels*” previamente desenhados. Na sequência iniciamos o mapeamento de cores riscando diretamente dentro de cada quadrado, usando um símbolo diferente para cada uma das seis cores. No total, participaram desta etapa do projeto sete pessoas, sendo três alunos, duas alunas, um servidor técnico e o professor de arte responsável.

Não sendo mais necessária a projeção da imagem, nos dias seguintes iniciamos a aplicação da tinta *spray*, fazendo uso de dezenas de *stencils* vazados com um quadrado de 6 cm². Esta etapa foi mais trabalhosa, levando cerca de 6 dias para ser concluída, pois dependia das condições climáticas ideais para sua realização. Após algum tempo, concluímos o trabalho que pode ser conhecido pela imagem a seguir (Figura 6).



Figura 6. Produção do mural e resultado final, autoria dos estudantes, Projeto Arte na Parede, 2019. Foto do autor.

Na quarta edição, no ano de 2020, tivemos mudanças de âmbito mundial em função da pandemia da Covid-19. As aulas do Instituto foram suspensas no início de março e voltaram de forma remota no mês de outubro de 2020. Em paralelo, às atividades de ensino e extensão precisavam continuar, além disso, o projeto ganhou um edital interno com incentivo financeiro, assim, conseguimos expandir o acesso público, contratar um artista com experiência em *graffiti* e pintura mural, como adquirir os materiais necessários para pintar um grande muro externo da Instituição, aproximadamente 81 m².

A escolha do tema e do local para a realização dessa

edição se deu pela falta de visibilidade sobre a localização do Instituto, já que este não possuía sinalização visual - placas, letreiros e afins - que indicasse que ali, naquele espaço, existe uma instituição educacional. Em função desta necessidade, o projeto abordou a técnica do *graffiti* no muro externo e incentivou a produção artística entre os estudantes, de forma remota, por meio de um concurso de desenho/pintura com temática livre. Após a seleção, e por indicação da banca julgadora, optou-se em unir três propostas inscritas, assim, o artista convidado poderia adequar sua criação balizado pelos desenhos/pinturas dos estudantes.

A realização do grande mural na parte externa ocorreu no mês de novembro/2020 e contou com a participação de um bolsista, quatro estudantes voluntários, sendo três alunas e um aluno, além da participação de um técnico e do professor responsável pela disciplina de Artes naquele período. Em função da pandemia da Covid-19, e para respeitar os protocolos de segurança, o número de participantes foi restringido.

Para a definição do projeto final, realizamos uma conversa com o artista contratado, Digo Cardoso, e os estudantes. Posteriormente, realizou-se a aplicação do desenho guia para o muro por meio de projeção multimídia e *spray*.

De acordo com o cronograma, o mural precisou

ser feito em apenas uma semana, pois o artista era de outra cidade, deste modo, a produção foi intensa, manhã, tarde e noite; debaixo de sol e chuva. A participação do artista com experiência na área do *graffiti* facilitou consideravelmente a execução do projeto. E para que todos pudessem ter acesso ao desenvolvimento da proposta, registramos por meio audiovisual a produção e realizamos uma entrevista com o artista, gerando o curta metragem que foi exibido posteriormente no festival online: Arte na Parede: Edição *Graffiti*.

Por essa edição ter apoio financeiro, decidimos expandi-la e transformá-la em um festival – via canal do Youtube - que valorizasse a Arte Urbana e regional, com três dias de palestras e debates com artistas locais, regionais e pesquisadores, além da exibição do curta metragem sobre a produção do mural. Abaixo o resultado final do mural (Figura 7):



Figura 7. Mural finalizado, autoria dos estudantes, Projeto Arte na Parede, 2020. Foto do autor.

A realização do Festival contribuiu para aproximar estudantes, servidores e comunidade em geral, divulgando e valorizando a produção em Arte Urbana, transformando visualmente o espaço físico do Instituto como, também, promoveu o debate sobre essas questões em um contexto mais ampliado, possibilitado pela facilidade da transmissão do registro das ações via plataforma *on-line*.

Considerações finais

Antes do projeto Arte na Parede, a organização espacial das salas, das áreas de convívio e os muros da instituição possuíam poucas intervenções e manifestações artísticas, provocando a sensação de um ambiente neutro, frio e informal. Porém a escola é viva, permeada de vivências e experiências que transformam e recriam constantemente aquele espaço, transformando-o em lugar. Lugar de afetividade, aprendizagem, divergência, resistência e conflito. A arquitetura escolar baliza a formação da comunidade escolar de maneira subjetiva, e por se tratar de uma escola técnica acreditamos que as ações de apropriações desses espaços possibilitam novas formas de viver aquele espaço, demarcando novos territórios com fronteiras efêmeras.

Por meio das intervenções, o que fica não é apenas

a presença demarcada na superfície da parede, mas principalmente a ações que foram atravessadas pelo dia a dia daquele ambiente ocupado, das relações e trocas que se estabeleceram nesses fazeres. Com esse projeto conquistamos territórios fora da sala de aula, construímos e exibimos potencialidades que a arte carrega em sua gênese, porém, muitas vezes apagada ou formatada para cumprir determinadas demandas políticas educacionais. Não ignoramos a importância do ensino curricular, pois ao produzir arte, o estudante desenvolve processos cognitivos próprios aos sentidos, e também, descobre os fazeres e saberes inerentes à essas práticas. Contudo, quando as potencialidades da arte se expandem para fora dos limites estabelecidos, acreditamos que sua força demarque ainda mais sua importância e atravesse toda a comunidade escolar.

Referências:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília. MEC/Secretaria da Educação Básica, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB, nº 9394/96**.

CAUQUELIN, Anne. **Arte Contemporânea: uma introdução**. Tradução Rejane Janowitz, São Paulo: Martins, 2005.

FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa.** Trad. Alfredo Veiga-Neto. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.